



MACUNAIMA, MACUNAÍMA OU MACUNAIMÃ: UM ESTUDO DE NARRATIVAS SOBRE O MITO DE MACUNAIMA

MACUNAIMA, MACUNAÍMA OU MACUNAIMÃ: UNA INVESTIGACIÓN DE NARRATIVAS SOBRE EL MITO DE MACUNAIMA

Ana Maria Alves de Souza¹
Devair Antônio Fiorotti²

RESUMO: Sendo parte do projeto de pesquisa Narrativa Oral Indígena: registro e análise na Terra Indígena Alto São Marcos - RR, este trabalho analisa as várias versões que envolvem o mito de Macunaima, tradicionalmente vinculado às comunidades indígenas dessa região. Para tanto, toma-se por conhecimento parte das narrativas orais obtidas em visitas a estas comunidades, utilizando a metodologia da História Oral. Além disso, a obra Macunaíma, de Mário de Andrade, é também estudada no intuito de compreender novos aspectos relativos ao mito surgidos a partir de sua publicação, como a vinculação desse mito a toda uma identidade nacional. Nessa perspectiva, serão buscadas similitudes e diferenças entre essas versões, na busca de conhecer as múltiplas leituras acerca do ser mitológico Macunaima.

Palavras-chave: Mito, Macunaima, Narrativa oral.

RESUMEN: Como integrante del proyecto de investigación Narrativa Oral Indígena: registro e análise na Terra Indígena Alto São Marcos – RR, este trabajo analiza las varias versiones que envuelven el mito de Macunaima, tradicionalmente vinculado a las comunidades indígenas de esa región. Para eso, se toma por conocimiento parte de las narrativas orales obtenidas en visitas a estas comunidades, utilizando la metodología de la Historia Oral. Además, la obra Macunaíma, de Mário de Andrade, es también estudiada con el intuito de comprender nuevos aspectos relacionados al mito surgidos a partir de su publicación, como la vinculación de ese mito a toda una identidad nacional. En esa perspectiva, serán buscadas semejanzas y diferencias entre esas versiones, con el objetivo de conocer las varias lecturas acerca del ser mitológico Macunaima.

Palabras clave: Mito, Macunaima, Narrativa Oral.

1 Mestrado em Letras-UFRR, Universidade Estadual de Roraima.
2 UERR e PPGL-UFRR.



INTRODUÇÃO

O ato de contar histórias possibilita várias versões de uma mesma realidade quando repassado em determinada situação histórico-social, seja por meio da linguagem oral ou escrita. É uma forma encontrada pelo homem para registrar e garantir a permanência dos elementos culturais pertencentes ao seu grupo, uma vez que a comunicação – troca de experiências – se torna fundamental quando o objetivo é a manutenção de conhecimentos e de ideologias advindas de outros tempos. No entanto, à medida que ocorre o contato com culturas distintas, as quais trazem consigo perspectivas diferentes sobre um mesmo assunto, é possível que haja uma junção de vários conhecimentos que constituirão uma nova concepção, uma nova visão a respeito do passado e do próprio presente. Nesse caminho, essas explanações apontam para as mudanças encontradas em narrações de histórias clássicas, mostrando o processo pelo qual passam os textos mitológicos indígenas da Região do Alto São Marcos, em Roraima³.

Cunhada por essa perspectiva, encontra-se a lenda de Macunaima, um personagem indígena criado para representar a força sobrenatural existente nas comunidades indígenas de Roraima, Venezuela e Guayana Inglesa, principalmente entre os indígenas Macuxi. Ele é um sujeito capaz de resolver os problemas de maneira peculiar e por vezes chega a explicar fenômenos presente nos dias atuais, aproximando-se de um Deus.

No âmbito da narrativa é necessária a compreensão da fonte oral como colaboradora no desenvolvimento dos textos de caráter investigativo. Isso determina a existência da História Oral como metodologia de estudo – e mesmo uma

disciplina – embora ainda não seja reconhecida totalmente pela academia. Desta forma, a história oral é definida como “prática de apreensão de narrativas feita através do uso de meios eletrônicos e destinada a: recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente, e facilitar o conhecimento do meio imediato.” (Meihy; Holanda, 2007, p.18). As ações mencionadas a respeito do uso da história oral evidenciam a sua utilidade se o propósito é entender as concepções humanas acerca de certa problemática, uma vez que a análise da entrevista coletada fornece elementos compreensivos e analíticos à leitura de textos já escritos, como o livro Macunaíma, de Mário de Andrade.

Ainda em relação a esse aspecto, Brando (2008, p.07) defende que:

As entrevistas de história oral são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro. [...] Além disso, faz parte de todo um conjunto de documentos de tipo biográfico, ao lado de memórias e autobiografias, que permitem compreender como indivíduos experimentaram e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de seu grupo ou da sociedade em geral. Isso torna o estudo da história mais concreto e próximo, facilitando a apreensão do passado pelas gerações futuras e a compreensão das experiências vividas por outros.

Isto é, o trabalho com fontes orais, especificamente as entrevistas, possibilitam conhecer o cotidiano do entrevistado a fim de entender suas enunciações. Desse modo, o trabalho com as comunidades indígenas a respeito do mito de Macunaima partiu-se dos princípios da história oral. Considera os aspectos que dão origem à lenda, pois a idéia do referente artigo corresponde ao fornecimento de subsídios que nos leve a descobrir as facetas pertinentes a cada história, seja a de Macunaima ou Macunaíma ou Macunaimã.

³ Este trabalho é fruto de um projeto maior intitulado Narrativa Oral Indígena: registro e análise na Terra Indígena do Alto São Marcos, coordenado por Autor, e financiado pelo CNPQ. O presente estudo é o trabalho de conclusão de Iniciação Científica, sob orientação desse professor.



PRESSUPOSTOS DO PROCESSO CONSTITUTIVO DAS NARRATIVAS: ANÁLISE DO MITO

Nas palavras de Domício da Silva, indígena Macuxi da Comunidade Sol Nascente, encontramos as seguintes considerações acerca de Macunaima:

Hoje ninguém vê mais, mas antigamente ele caminhava, ele andava, ele era uma pessoa. Só que ele tinha poder, ele era poderoso também, ele dizia uma coisa, né, primeiro era Deus e logo depois era ele. Por onde ele andava, você não podia estar criticando Deus, se criticasse ele fazia alguma coisa do senhor. Por exemplo, ele vinha lá, você vai levando, ela estava contando essa história, que ele vinha aí, sempre o pessoal saía para caçar no natal, para chegar para fazer a festa de natal. Ele sempre viajava. Aí teve encontro, mandaram sete mulheres para levar caxiri para o encontro dos maridos que vinham da caçaria. Aí pararam num ponto que esperaram em cima de uma laje. Aí nessa hora o Macunaíma vinha de lá para cá, aí sempre quando eles encontravam com ele, eles davam caxiri para ele, né. Aí disseram: “Ah! Lá vem o vovô velho ali. Mas hoje a gente não vai dar caxiri para ele não”, eles falaram, “Ninguém vai dar caxiri para ele não”. Ele escutou, ele ouvia, era poderoso, aí está bom. Aí juntaram os baldes, os sete baldes assim. Aí falou com ele, deu bom dia, tomaram bênção, falaram que não iam dar caxiri: “Ah! Eu já vou.” “Está bom.” Aí ele disse: “Os sete baldes vão virar pedra”. Pronto. Na hora que ele saiu, que deu as costas, quando foram olhar, os sete baldes viraram pedra, estava tudo encarreradinho. Aí ele não bebeu e o marido também não bebeu. Transformou os baldes em pedra, tudo em pedra. Essa era a história que ela contava, do Macunaíma que ele era viajante. Ele, não sei como é que ele era, não sei se Macunaíma era pesado, se ele chegasse numa pedra assim, se ele passasse a mão, do jeito que ele passava, ele desenhava, não sabia como fazia isso. Pois se ele chegasse aqui: “Senhor, eu vou deixar a marca do meu pé em cima dessa pedra”, ele pisava e ficava a marca do pé dele. Tudo ele fazia. Não sei como é que ele fazia isso. A pedra ficava mole... Essa é a história dele, ele era muito poderoso.

A princípio, a versão exposta pelo tuxaua Domício, dentro da teoria proposta por Nádia Gotlib, se trataria de uma narrativa pelo fato de ser “um discurso integrado numa sucessão de acontecimentos de interesse humano na unidade de uma mesma ação” (Gotlib, 1998, p.11). A partir da

definição de Gotlib, a sucessão dos acontecimentos citada é encontrada no marcador “Aí” presente a cada novo período colocado e típico da linguagem oral. A sua presença descarta a utilização de um marcador do tipo “depois” ou “em seguida” em virtude de socialmente ser aceito como indicador da ocorrência sequencial de algo.

Sendo uma história com o intuito de apresentar o poder do personagem Macunaima, as situações são voltadas a “uma mesma ação”, pois na lenda contada por Domício as sucessões dos acontecimentos estão na perspectiva de mostrar a magia do herói como forma de castigo, o que leva a concluir que esse poder é, na verdade, essa “mesma ação” abordada por Gotlib.

Ainda nessa abordagem de classificação, pensando com Gancho (2003, p.05), a narrativa do tuxaua macuxi seria uma espécie de conto, já que este se constrói a partir de narrações que possuem tempo e espaço definidos, com a participação de poucos personagens.

Diante desta definição, a história se passa em época natalina (“... o pessoal saía para caçar no natal...”), na laje determinada pelos caçadores (“Aí pararam num ponto que esperaram em cima de uma laje.”) e incluem-se Macunaima, as sete mulheres e os maridos caçadores.

Outro aspecto relevante para que se justifique a classificação dessa narrativa como um conto corresponde à sua existência duradoura. Lima (1985), citado por Giacon (2010, p.04), diz que antigamente os sacerdotes usufruíam desse gênero textual para transmissão de mitos e ritos tribais que permeavam na vida das pessoas. Nesse sentido, a Lenda de Macunaima prevalece até a atualidade graças à contínua preocupação dos membros mais velhos em não permitir que ela desapareça da cultura indígena dessa região, repassando-a a cada



geração, independente da comunidade à qual pertença.

No entanto, é notória a perda de dados da história de Macunaima nesse repasse comunicativo, chegando ao ponto de desconhecimento parcial ou de expressões do tipo: “[...] eu não sei bem ela não [...]”, como a de Lucinete Ribeiro da Comunidade Santa Rosa, ou “[...] agora não lembro agora... não sei [...]”, de Estevan Alves da Comunidade do Bananal, e até “[...] sei não, de Macunaima também não sei não [...]”, de seu Oliveira da Comunidade do Samã; todas verificadas em algumas narrativas dos indígenas entrevistados, que serão mostradas adiante ao compará-las com o romance de Mário de Andrade. Contudo, a noção de persistência do Mito dentro das aldeias indígenas pode ser relacionada à necessidade de ensinar tipos de valores morais aos mais jovens que, nesse caso, baseiam-se em não desobedecer ou subestimar as regras existentes sobre o respeito com divindades ou pessoas superiores, observadas nas passagens contadas por seu Domício: “‘Ninguém vai dar caxiri ara ele não’. Ele escutou, ele ouvia, era poderoso [...] Transformou os baldes em pedra, tudo em pedra”. Assim, o respeito, como elemento constitutivo do ser humano, corresponde ao valor que mais recebe ênfase quando se fala em herança cultural, e o Macunaima é um personagem que simboliza esse método de ensinamento.

A lenda contada anteriormente possui caracteres específicos de uma narrativa assim com as de um conto, e por isso a possibilidades de sua equivalência dentro desses gêneros. Pode-se constatar que a versão de Domício exemplifica a ação do contador no desejo de impressionar o ouvinte utilizando palavras que prendam a atenção. Ela atribui suspense e acaba por gerar interesse pela história. Isso é percebido nas frases “Hoje ninguém vê mais” [o

Macunaima] e “Ah! Eu já vou”. A primeira frase transmite uma expectativa de como seria esse personagem, principalmente onde ele estaria, afinal, cria-se uma curiosidade em saber o porquê de sua inexistência, quais motivos levaram a isso e se, no decorrer da narrativa, a incógnita será resolvida. Já a segunda frase leva o expectador a imaginar qual seria a próxima ação do herói diante do acontecido, instigando o ouvinte/leitor a levantar suposições se o Macunaima iria ou não agir com seus poderes, se dessa vez deixaria passar essa travessura ou qual forma de castigo utilizaria para o desrespeito. Essas questões, típicas da construção da temática de uma história, permitem apresentar Domício como um representante dos contadores de histórias e inserir sua lenda como participante do gênero conto. E como expõe Gotlib (idem, p.17):

o que faz o conto – seja ele de acontecimento ou de atmosfera, de moral ou de terror – é o modo pelo qual a estória é contada. [...] Como bem formulou o contista Horacio Quiroga, ao alertar para alguns “truques” do contista: “Em literatura a ordem dos fatores altera profundamente o produto”. (grifos do autor).

APROXIMANDO MACUNAÍMA E MACUNAÍMA

O romance de Mário de Andrade, Macunaíma, é construído a partir do mito de Macunaima, presente entre os indígenas da região de Roraima, Venezuela e Guyana Inglesa. A base mitológica para construir a obra vem do livro Vom zum Orinoco (Do Roraima ao Orenoco), do etnólogo alemão Theodor Koch-Grünberg. Em razão disso, são encontradas similitudes nas estruturas das narrativas dos indígenas com a criação de Mário.

A começar, baseio-me na declaração de que a “primeira frase tende à exposição do single effect (efeito único), um recurso que cria expectativa por parte do leitor” (Giacon, idem, p.05). O romance Macunaíma inicia-se com a frase “No fundo do mato-virgem



nasceu Macunaíma, herói de nossa gente” (Andrade, 1988, p.05), no intuito de despertar no leitor uma volição em conhecer quem é esse “herói de nossa gente” e o(s) porquê(s) dessa classificação, que será desvendada no decorrer da história. Da mesma forma, ao avaliar a narrativa anterior de Domício da Silva é fatível notar na primeira frase “Hoje ninguém vê mais” o propósito do narrador em não fornecer previamente dados informativos do personagem pelo fato de gerar um mistério quanto às suas características, atribuindo também a Macunaima o caráter legendário.

Ainda reforçando essa questão, há a versão de Clemente Flores, indígena Taurepang da Comunidade Sorocaima I, que principia sua narrativa enunciando que “a história de Macunaima é muito triste”, deixando vestígios para buscar uma justificativa que explique essa tristeza. Esses singleeffect escolhidos pelos narradores demonstram a importância que o início de uma história proporciona para o envolvimento do ouvinte/leitor conforme os fatos vão se desdobrando, a ponto de influenciar em suas preferências pela continuidade da escuta/leitura e pela própria obra, uma vez que a habilidade de persuasão advém do primeiro impacto estabelecido por quem enuncia uma história.

Neste contexto, Gotlib (1998, p.13) mostra que:

A voz do contador, seja oral ou escrita, sempre pode interferir no seu discurso. Há todo um repertório no modo de contar e nos detalhes do modo como se conta [...] que é passível de ser elaborado pelo contador, neste trabalho de conquistar e manter a atenção do seu auditório. Estes recursos criativos também podem ser utilizados na passagem do conto oral para o escrito. (grifos do autor)

A partir disso, ao construir a lenda, o contador usa métodos que convidariam o receptor a participar dessa fantasia, na qual este desfrutaria das passagens apresentadas com uma tendência a permanecer ou não do

enredo da história.

Em se tratando de uma história que possui resquícios de narrativas indígenas, Macunaíma traz a visão de um personagem com força sobrenatural, que detém de um poder alheio aos mortais. Isso é verificado no episódio em que Jiguê, irmão de Macunaíma, ao saber que o herói havia se deitado com Sofará (companheira de Jiguê), atacou-o a ponto de Macunaíma transformar em pedra o que estava naquele espaço:

Ela [Sofará] pulou do galho e juque! tombou sentada na barriga do herói que a envolveu com o corpo todo, uivando de prazer. E brincaram [relação sexual] outra vez. Já a estrela Papaceia brilhava no céu quando a moça [Sofará] voltou parecendo muito fatigada de tanto carregar piá [Macunaíma transformado] nas costas. Porém Jiguê desconfiado seguira os dois no mato, enxergara a transformação e o resto. Jiguê era muito bobo. Teve raiva. Pegou num rabo-de-tatu e chegou-o com vontade na bunda do herói. O berreiro foi tão imenso que encurtou o tamanho da noite e muitos pássaros caíram no chão e se transformaram em pedra. [grifos meus]. (Andrade, 1988, p.13).

José Jacó, membro da Comunidade Boca da Mata, narra sobre esse poder que Macunaima possuía:

O Macunaima, eu ouvia os velhos contando que ele tinha o poder, o Macunaima, ele tinha poder. Não podia duvidar com ele, porque hoje mesmo eu tenho visto, eu tenho visto hoje o branco fazendo. O branco fazendo desse jeito, hoje dá o nome de... Como, meu Deus?... Pega um papel, pega um pedaço de papel, misgalha assim, e quando da fé sai uma toalha desse tamanho. [...] Mágica, é! A mesma coisa, nesse tipo, era o Macunaima. [...] O Macunaima transformava uma pessoa em pedra. Ele [a pessoa] duvidava, quando é nada, é mentiroso, é isso, aquilo outro: “Que é rapaz?” Aí o cara olhava para ele: “Fica-te aí, formado!”. Aí, o Macunaima fez muita coisa, assim [...]. [grifos meus] E da mesma forma, o Tuxaua João da Comunidade Nova Esperança menciona que: Ela [Índia Camaroque] disse que o Ejuá morava lá na comunidade e era um senhor de respeito. Numa dessas aí teve um neto que se rebelou e queria casar com uma macuxi daqui do Brasil. O Macunaima disse que não, que tinha que ser só ali mesmo. O filho tinha que nascer dali. Esse neto não gostou muito da idéia e varou pra cá pro Brasil. Veio em busca de uma esposa pra ele, macuxi. Brasileira. Esse rapaz veio pro Brasil deixando suas



marcas. E eu pensei comigo... que foi ele quem passou pelas nossas pedras. Esse rapaz conseguiu uma esposa e voltou pra lá. Ao chegar próximo de Jaspe, tava lá o Macunaima esperando já, pois sentiu a falta e sabia quem era que tinha saído. Quando apareceu o casal ele disse: “Você me desobedeceu e você vai ficar pra sempre com sua esposa aí mesmo”. E nesse momento então ele fez a formação dos dois em pedra. São duas pedras. [grifos meus]

Nessas três versões é perceptível na ação dos personagens Macunaima e Macunaíma a ocorrência de uma transfiguração petrificada como manifestação de sua força oculta, apresentada em situações específicas inesperadas ou já previstas. É preciso considerar que o poder da petrificação está contido em todas as histórias que caracterizam esse sujeito, demonstrando que embora hajam narrações contadas de maneiras distintas (como veremos a seguir), não se deslocou da originalidade do personagem, já que a possível intenção dos narradores, neste caso, reside em reafirmar que Macunaima é um ser muito poderoso, cuja força se torna tão imensa que nem ele mesmo pode controlá-la.

Outro aspecto relevante diz respeito à linguagem empregada na obra em questão e nas narrativas indígenas. Mário de Andrade escreve de maneira que se tenha uma proximidade com a oralidade, com enumerações sem a colocação de pontuação:

Porém [Macunaíma] não podia pescar nem de flecha nem com timbó nem com jótica nem cunambi nem tinguí nem macerá nem no pari nem com linha nem arpão nem juquiaí nem sararaca nem gaponga nem de poita nem cassuá nem itapuá nem de jiquí nem de grozera nem de jererê, guê, tresmalho [...] (Idem, p.102)

José Melquides, tuxaua da Comunidade Aleluia, relata que um dos filhos de Macunaima havia encontrado o sujeito que comia os peixes capturados:

Disse: “Papai é o jacaré que está comendo o peixe. Agora, o que você vai fazer?” “Dar uma pisa nele e rasgar ele”. Quando o jacaré entrou lá dentro pegaram e rasgaram a boca dele puxaram a língua dele e cortaram. Dizem que até hoje o jacaré não tem língua.

[grifo meu]

Já Sebastião Marajó, pertencente à Comunidade Sorocaima, conta o momento em que algumas pessoas chegaram à Pedra Pintada antes de avistar Macunaima:

Na época essa Pedra Pintada formava aqui algumas pessoas, não era só uma não, era um monte não sei da onde vinha descendo aí do Monte Roraima descendo ia não sei pra onde né, que elas falavam assim. O pessoal ia andando cada qual ia com seu balde sua panela com sua maleta com muitas coisas ia embora. [grifo meu]

Cada versão exemplifica que é possível ocorrer nesses discursos a chamada “[...] totalidade de efeito [...] que se consegue ao ler o texto de uma só vez, sem interrupções, na dependência direta, pois, da sua duração, que interfere na excitação ou na elevação, ou na intensidade do efeito poético.” (GOTLIB, idem, p.35). Tal característica implica que a preferência pela ausência de pontuação seria uma forma de preservar a permanência de ritmo típica da oralidade, principalmente da forma coloquial, uma vez que em Macunaíma é fatível a aproximação com a linguagem indígena, e essa contém expressões da língua portuguesa que fogem à norma culta. Também há nessas versões, enquanto escritas, ausência de intensificação nos termos, já que o elemento que permite diferenciar a tonicidade de um léxico ou outro é, justamente, a pontuação empregada.

DISTANCIAMENTOS ENTRE AS VERSÕES MACUNAIMEIRAS: MACUNAÍMA VERSUS MACUNAIMA

Ao analisar Macunaíma e as narrativas indígenas verifica-se que existem dados passíveis a serem incluídos em um estudo de contrastes, visto que embora tratasse do mesmo mito, cada autor, em certos aspectos, abordou essa lenda de maneira distinta.

No que tange ao personagem, Gancho (2010, p. 08) nos esclarece que “por mais real que pareça, o personagem é sempre invenção, mesmo quando se constata que determinados personagens são baseados em



peças reais”. Isso é ilustrado em Macunaíma, onde Mário de Andrade procurou descrever um sujeito dotado de ações boas e ruins simultaneamente, assemelhando-se à personalidade humana:

[...] Então Macunaíma quis se divertir um pouco. Falou pros manos que inda tinha piaba muito jeju muito matrinxão e jatuaranas, todos esses peixes do rio, fossem bater timbó! [...] Foram. A margem estava traiçoeira e nem se achava bem o que era terra o que era rio entre as mamoranas copadas. Maanape e Jiguêprocuravam procuravam enlameados até os dentes, degradingolando juque! nos barreiros ocultos pela inundação. E pulapulavam se livrando dos buracos, aos berros, com as mãos para trás por causa dos carandirus safadinhos querendo entrar por eles. [...] (idem, p.15)

Nessa passagem, Macunaíma resolveu aprontar em virtude da ânsia de fome que os seus irmãos sentiam, agindo como uma espécie de vingança por anteriormente esses mesmos irmãos terem se alimentado de toda a anta que ele caçara sozinho. Esse aspecto revela um ser malandro diante das situações, em que age visando ao seu próprio benefício. Em outra circunstância podemos encontrar com maior expressividade a afirmação anterior:

[...] E o herói pediu que Exu [espécie de bruxo] fizesse sofrer Venceslau Pietro Pietra que era o gigante Piaimã comedor de gente. Então foi horrroso o que se passou. Exu pegou três pauzinhos de erva- idreira benta por padre apóstata, jogou pro alto, fez encruzilhada mandando o eu de Venceslau Pietro Pietra vir dentro dele pra apanhar. Esperou um momento, o eu do gigante veio, entrou dentro da fêmea, e Exu mandou o filho [Macunaíma] dar a sova no eu que estava encarnado no corpo polaco. O herói pegou uma tranca e chegou-a em Exu com vontade. Deu mais que deu. [...] (idem, p.62).

Onde o personagem Piaimã é acusado de aprisionar um amuleto – a muiraquitã – e Macunaíma se vê desesperado porque não consegue recuperá-la de nenhuma maneira, a ponto de solicitar ajuda ao macumbeiro Exu, fazendo sofrer Venceslau Pietro Pietra.

As consequências advindas da ação de Macunaíma refletem que o seu poder (no

primeiro exemplo) garante vantagem aos seus bel-prazeres; ao passo que no segundo, sua veledade é satisfeita graças ao seu reconhecimento entre os feiticeiros. Logo, o herói de Andrade usufrui de aspectos inerentes a si com o propósito de atender aos seus anseios, caracterizando um sujeito trapaceiro, egoísta, mas que age dessa forma por razões concretas.

Por outro lado, na narração de Domício da Silva há outra visão de Macunaima:

Aí nessa hora o Macunaíma vinha de lá para cá, aí sempre quando eles encontravam com ele, eles davam caxiri para ele, né. Aí disseram: “Ah! Lá vem o vovô velho ali. Mas hoje a gente não vai dar caxiri para ele não”, eles falaram, “Ninguém vai dar caxiri para ele não”. Ele escutou, ele ouvia, era poderoso, aí está bom. Aí juntaram os baldes, os sete baldes assim. Aí falou com ele, deu bom dia, tomaram bênção, falaram que não iam dar caxiri: “Ah! Eu já vou.” “Está bom.” Aí ele disse: “Os sete baldes vão virar pedra”. Pronto. Na hora que ele saiu, que deu as costas, quando foram olhar, os sete baldes viraram pedra, estava tudo encarreradinho. Aí ele não bebeu e o marido também não bebeu. Transformou os baldes em pedra, tudo em pedra.

Percebe-se que neste trecho Macunaima é um ser que se contrariado, castiga os indivíduos para demonstrar sua força diante do desrespeito. Isso classifica o personagem como uma divindade, cuja força é vista de maneira sobrenatural (petrificar a bebida), e, portanto, inalcançável às pessoas, que por esse motivo somente tendem a reverenciá-lo. Desse modo, nas palavras de Domício pode-se considerar Macunaima como um Deus, um ser que merece respeito, diferentemente de Macunaíma, ser que se aproxima mais das características de um personagem humano.

Em outro âmbito, discute-se o papel que Macunaima e Macunaíma revelam nas histórias perante a presença de seu (s) irmão(s). Nas palavras de Clemente Flores, percebeu-se que a narração do mito de Macunaima está voltada exclusivamente para as ações de seu irmão denominado Chicö:

[...] Ele tinha dois filhinhos: um se chamava



Macunaima e o outro menor se chamava Chicö. Esse foi mais valente do que Macunaima. Ele inventava, ele pensava muito. Ele tinha como aqui diz... aspiração; ele tinha aspiração profunda, mais do que irmão dele. [...] Logo que chegaram, não tinha ninguém, só a mulher, mulher Sapo. Aí quando olhou: “Coitado, meu filho, pra onde vocês vão?” “Nós tamo procurando mamãe, não passou por aqui não?” “Não, não passou não...”. Mas esse esperto, Chicö, estava olhando, assim no geral, ele olhou para mãe dele, estava guardada no jamaxim lá pendurado. [...]

No início da história, Chicö já se apresenta como sujeito que possuía caracteres superiores a de Macunaima, principalmente na esperteza pois, em busca da mãe, Chicö desconfia das palavras da Sapa e confirma que esta mente sobre o paradeiro da progenitora. Em outra fala, Clemente diz:

[...] Mas também era gente, era mal, era ruim esse Chicö, que é mais ruim. Mais esperto, mais inteligente ainda. Aí disse, o Macunaima disse para o irmão dele: “Vamos descobrir devagar” [Queriam descobrir o local que Cutia havia encontrado alimento]. O que é que eles fazem? Apareceu aquele quati-puru. [...] Aí disse: “Olha, tu vai seguir esse Cutia até ele chegar no pé de purpur. Aí ele voltou. Aí: “Amanhã tu vai descobrir”. Aí esse quati foi mais por cima da vara, do galho; lá em cima tem outro galho [vai apontando com o dedo, como se ali estivessem os galhos]. Ele foi, Cutia querendo olhar, não tinha ninguém. Chegou até no pé de purpur. Quando chegou, era purpur no chão, todo maduro. Pegou, apanhou lá e voltou. O quati foi e voltou. Chegou lá, “achei, eu vi onde tá”, “Amanhã vamos derrubar” “Olha aí, tão querendo estragar, tão querendo estragar”. Aí a história de Chicö, mais valente do que irmão dele. Aí voltou e “Ai, não tô conseguindo nada aqui”. Trouxe outra fruta que não era de comer muito, né. Aí “Não, tu achou purpur, né? “Não, olha aqui, cê trouxe, olha aqui. Sim achei, umbora amanhã, umbora comer”. Aí convidaram... Aí convidaram se mudaram de um acampamento para outro, lá no pé de purpur. Chegaram lá. Estava no chão, tudo maduro, em vez de comer, em vez de encher barriga, esse Chicö disse: “Eu vou derrubar!” “Não senhor, tu vai estragar essa fruta”. [...] Aí ele disse: “Não, eu quero comer lá de cima” “Não irmão, deixa, não derruba, se não tu vai estragar fruta. Quem é que vai colher tudo?” “Não, nós vamo comer só um, depois nós guarda”. Rapaz, ele pegou machado e “pan”, derrubou! Estragou tudo. Agora passaram um monte de dia comendo. [...]

Nesse exemplo, Chicö não aprova a atitude do companheiro de viagem, o Cutia, porque este havia encontrado um lugar para saciar a fome e não disse nada aos outros; então Chicö mandou um espião descobrir o local, para que posteriormente a árvore fosse derrubada, trazendo desvantagens para o Cutia. Analisando a situação de Chicö e Macunaima na versão de Clemente, toma-se a afirmação de Gancho (idem), ao expor que o protagonista (personagem principal) pode vir como “herói: é o protagonista com características superiores às de seu grupo; anti-herói: é o protagonista que tem características iguais ou inferiores às de seu grupo, mas que por algum motivo está na posição de herói, só que sem competência para tanto”. Isso permite inserir Chicö na categoria de herói, uma vez que Clemente afirmou que ele era mais valente e esperto que seu irmão e, logo, Macunaima estaria sendo um anti-herói, em que possivelmente o motivo que Gancho cita para classificá-lo como tal se encontra no fato de que as ações pertencem à história de vida dele, mesmo contendo aspectos inferiores aos de Chicö.

Em comparação com Mário de Andrade, ao apresentar os irmãos, não há esse deslocamento quanto à posição do principal, pois Macunaima ocupa constantemente a função de protagonista herói:

Maanape gostava muito de Café e Jiguê muito de dormir. Macunaima queria erguer um papiri pros três morarem porém jamais que papiri se acabava. Os puxirões goravam sempre porque Jiguê passava o dia dormindo e Maanape bebendo café. O herói teve raiva. Pegou numa colher, virou-a num bichinho e falou: “Agora você fica sovertida no pó de café. Quando mano Maanape vier beber, morda a língua dele!” Então pegando um cabeceiro de algodão, virou-o numa tatorana branca e falou: “Agora você fica sovertida na maqueira. Quando mano Jiguê, vier dormir, chupe o sangue dele!” Maanape já vinha entrando na pensão pra beber café outra vez. O bichinho picou a língua dele. “Ai!” Manaape fez. Macunaima bem sonso falou: “Está doendo, mano? Quando bichinho me pica não dói não.” Maanape teve raiva. Atirou o bichinho muito pra longe falando: “Sai, praga!” Então Jiguê entrou na pensão



pra tirar um corte. O marandová branquinho tanto chupou o sangue dele que até virou rosado. “Ai!” que Jiguê gritou. E Macunaíma: “Está doendo, mano? Ora veja só! Quando tatorana me chupa até gosto. Jiguê teve raiva e atirou a tatorana longe falando: “Sai, praga!” E então os três manos foram continuar a construção do papiri. (idem, p.47)

Desta forma, Macunaíma ocupa a posição de destaque, embora haja participação dos irmãos Maanape e Jiguê na sucessão dos acontecimentos.

Conforme apresentado até aqui, os estudos comparativos envolvendo a obra Macunaíma e as narrativas orais das comunidades indígenas nos mostraram quão complexa é a questão do relacionamento de um texto privilegiado no meio literário e histórias curtas de indivíduos, pois estas as constroem sem perceber o valor analítico que elas possuem, a ponto de alcançar uma plenitude acima do repasse de resquícios culturais. Essa importância é percebida por autores consagrados ou pesquisadores interessados em registrar parte da vida dos nativos, a considerar que isso decorre do propósito de resgate cultural, pois ao reunir aspectos inerentes à cada povo e torná-los públicos já manifesta colaboração com a apresentação e permanência de determinadas características que identificam aquele povo.

Dentro desta perspectiva, a comparação realizada permitiu visualizar as possibilidades que análises desse tipo podem oferecer ao entendimento dos modos como as histórias se formulam, mesmo envolvendo apenas um mito. Cabe ressaltar que em Macunaíma é possível que não tenha ocorrido criação de um mito, mas uma espécie de reconstrução do personagem, já que se utilizou de fatores pertencentes à raiz – modo de vida, linguagem, sentimentos – que, no entanto, aplicou-se a um contexto da sociedade brasileira (em geral), não se restringindo ao mundo indígena (específico). Assim, declaro que Andrade sabiamente aproveitou as fontes de Koch-Grünberg,

visto que não desvinculou o personagem da sua originalidade indígena, todavia deixou que seu lado fantástico de autor prevalecesse ao contar passagens de Macunaíma.

Percebeu-se também que entre as narrativas somente os mais velhos das comunidades são os que possuem conhecimento do mito. Nesse sentido, tem-se um dado preocupante e intrigante: será que posteriormente não haverá nenhuma “testemunha” que confirme a existência da lenda de Macunaíma? Será que o contato com o “branco” é responsável por essa perda literária? E esbarro no processo de transculturalização. A cultura indígena vem sofrendo mudanças na alimentação, na dança, nos costumes, revelando que socialmente tal mudança traz benefícios, como reconhecimento de ser cidadão brasileiro (cargos empregatícios sem restrições, por exemplo); entretanto, perde-se aos poucos o interesse pela cultura originária a ponto de renegar que se faz parte daquela raça.

Em síntese, afirmo que Macunaíma, Macunaíma ou Macunaimã existem para apresentar uma identidade, para denunciar se temos ou não um elemento que nos aponte como tal, que nesse caso, perpassa por um grupo menor – indígenas – e chega a uma identidade nacional – constituição do povo brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mario de. **Macunaíma**. Edição crítica org. por Telê Porto Ancona Lopez. Brasília: CNPq, 1988.
- BRANDO, Daniele Cavaliere. **Princípios de Indexação de Entrevistas de História Oral**. Disponível em: <http://aag.org.br/anaisxvcb/aconteudo/resumos/comunicacoes_livres/danielecavalierebrando.pdf>. Acesso em: 28.06.2010.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas**. Disponível em: <<http://colegiomilitarhugo.g12.br/novosite/usuar>



io/didatico/922add62919935905b2e4c22be73fe6e.pdf >. Acesso em: 25.06.2010.

GIACON, Eliane Maria de Oliveira.

Construção da Narrativa. Disponível em <<http://www.uems.br/na/linguisticaelinguagem/EDICOES/11/Arquivos/11%20Eliane%20Giacon.pdf>>. Acesso em: 28.06.2010.

GOTLIB, Nádya Batella. **Teoria do Conto.** 8. ed. São Paulo: Ática, 1998.

MEIHY, José Carlos Bom; HOLANDA, Fabíola. Pressupostos. In: **Fontes Orais: Como Fazer, Como Pensar.** São Paulo: Contexto, 2007. p.13-31.